

Apontamentos históricos sobre o Museu da Indústria em Joinville

Giane Maria de Souza¹

Resumo: Este artigo apresenta um diagnóstico parcial da pesquisa realizada pelo Grupo de Trabalho para a Reestruturação do Museu da Indústria iniciada no segundo semestre de 2008, sob a coordenação da Gerência de Patrimônio, Ensino e Artes da Fundação Cultural de Joinville. Para a análise histórica de como se forjou a criação do Museu da Indústria na década de 1970, foi necessário estabelecer uma metodologia que arrolasse fontes primárias e secundárias, disponíveis no Arquivo Histórico Municipal, para perceber como a industrialização se consolidou na cidade e determinou aspectos sociais e econômicos. Foram investigados documentos como: atas, boletins, jornais e iconografia. Esses acervos corroboraram para a visualização de uma releitura urbana de imagens e discursos relacionados ao mundo do trabalho. Esse artigo apresenta-se como reflexão acerca de uma pesquisa em andamento, que pretende contribuir para uma elaboração teórica e científica sobre os sentidos da comunicação museológica, da educação patrimonial e da arqueologia industrial. Entendemos que os industriais pioneiros e operários, seus usos e costumes, os equipamentos, as máquinas e os ofícios são patrimônios culturais materiais e imateriais, portanto, são possibilidades de tematização e problematização da história da indústria e do trabalho.

Palavras - chave: Museu. Indústria. Trabalhadores.

Introdução

O presente artigo pretende, de forma incipiente, apresentar um retrospecto histórico de como se originou a discussão sobre a fundação do Museu da Indústria em Joinville - SC. Apontamentos teóricos foram imprescindíveis para a compreensão de como a industrialização se consolidou na cidade e determinou aspectos sociais, econômicos e políticos que caracterizam a história do município.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a Fundação Cultural de Joinville em 2008, sob a Gerência do Patrimônio, Ensino e Artes, designou um Grupo de Trabalho composto por um corpo multidisciplinar de técnicos da instituição² a fim de compor e recompor a trajetória histórica da industrialização de Joinville para a compreensão de como se estabeleceu em

¹ Historiadora, mestre em História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp - e especialista cultural na Estação da Memória em Joinville – Fundação Cultural de Joinville.

² Maria Cristina Alves – gerente do Patrimônio, Ensino e Artes da Fundação Cultural de Joinville; Raul Walter da Luz – coordenador da Coordenadoria do Patrimônio Cultural; Giane Maria de Souza e Ingrid Muniz de Lima Diniz – especialistas culturais e educadoras da Estação da Memória; Arselle Andrade de Fontoura – historiadora do Arquivo Histórico de Joinville; Adriana Maria Pereira dos Santos – especialista cultural em preservação e restauro do Museu Arqueológico Sambaqui.

meados da década de 1970 a suposta³ fundação do Museu da Indústria. O Grupo de Trabalho pretendia realizar um Diagnóstico e Relatório de Pesquisa para Reestruturação do Museu da Indústria e Memorial da Ferrovia. Durante o processo de trabalho foram realizadas pesquisas em diversas instituições públicas, visitas técnicas, levantamento de fontes primárias e secundárias e estudo sobre a procedência do acervo⁴ doado em 1976 para a composição do Museu da Indústria.

Este texto pretende realizar a socialização de algumas especulações sobre a questão histórica da industrialização sob a ótica do trabalho e a defesa dele, a partir de algumas análises iniciais de como se deu a construção ideológica da importância de se materializar um museu que narrasse o advento industrial na cidade pela perspectiva dos industriais. Para esse entendimento, foram selecionados autores da historiografia regional que discorrem sobre o processo de industrialização de Joinville: FICKER (1965); GRUNER (2000); NIEHUS (1997); OLIVEIRA (1997); SOUZA (2008); TERNES (1984), (1993). A pesquisa realizada no Arquivo Histórico de Joinville, no seu acervo documental, também corroborou para a visualização do contexto histórico que se forjou e a possibilidade de se fazer releituras por meio dos discursos relacionados ao mundo do trabalho em Joinville.

A compreensão teórica de como se processou a fundação ou invenção do Museu da Indústria em Joinville na década de 1970 e como se propagou a difusão e consolidação da instituição museológica nas comemorações do sesquicentenário do município em 2001, será aqui problematizada como uma tentativa da elite industrial do município de ufanizar sua *vocação* industrial, mérito que, segundo alguns, transformaram Joinville na Manchester Catarinense.

A gênese da industrialização, os ciclos migratórios e a formação da classe operária apontaram quais os caminhos ideológicos que determinaram historicamente a invenção de um museu e a quem interessa essa institucionalização.

³ Foi constatado durante a pesquisa que o Museu não havia sido fundado, nem tampouco, criado com parâmetros museológicos e registrado oficialmente nos órgãos competentes. Durante esse artigo, será abordada a terminologia *invenção* para problematizar os meandros dessa suposta criação.

⁴ Esse acervo de maquinários encontra-se no espaço físico da antiga Estação Ferroviária de Joinville, hoje, Estação da Memória.

Ciclos migratórios – Expansão industrial e formação da classe operária joinvilense

Será discorrido sobre o mundo do trabalho em Joinville, a partir de algumas incursões históricas sobre a gênese da industrialização, com ênfase nos meados da década de 1970, quando há uma forte entrada de mão-de-obra migrante na cidade e um expansionismo fabril e a consolidação peculiar da classe operária por conta da nova configuração e reconfiguração urbana industrial.

A expansão econômica de Joinville, a partir de meados do século XX, para alguns pensadores foi impulsionada pelos pequenos comércios e oficinas que abasteciam o mercado consumidor interno e externo, como a extração e fornecimento de matéria-prima utilizada na infraestrutura local, desde a fundação oficial da cidade em 1851. Dessa forma, historiadores como FICKER (1965) e TERNES (1986) corroboram a perspectiva de que a indústria ervateira foi o carro-chefe da industrialização no município. Alguns olhares mais contemporâneos demonstram outras possibilidades na pesquisa regional, apontando o surgimento de oficinas e lojas comerciais como elementos fundantes da industrialização. (OLIVEIRA, 1997), (NIEHUES, 2000)

Conforme essa segunda vertente historiográfica, pretende-se compartilhar a tese de que o processo de expansão industrial e a consolidação da classe operária foi resultado do ciclo migratório da década de 1970, patrocinado por indústrias da cidade, gerando o ingresso massivo de mão-de-obra e acúmulo de capital.

Niehues (2000) reitera que a década de 1970 foi muito importante para a industrialização de Joinville, principalmente nos setores metal-mecânico, no que se refere à exportação. A migração de mão-de-obra contribuiu efetivamente para economia. A cidade, estrategicamente, possuía importância no cenário político e econômico e social no âmbito nacional.

Destarte, diversos fatores contribuíram para o desenvolvimento migratório de Joinville na década de 1970. Além de empresas como a Fundação Tupy (1938) empreender uma verdadeira campanha recrutadora de mão-de-obra nas regiões circunvizinhas, também os fatores externos desencadearam o processo migratório, como a enchente em Tubarão em 1974 que fez com que diversas pessoas viessem procurar abrigo e trabalho na cidade.

Alguns expoentes da historiografia regional apontam que havia uma “vocação original” para a o trabalho devido às origens dos imigrantes industriais. Para Ternes (1993) esse foi o grande motivo desencadeador da expansão e crescimento industrial:

O boom econômico fortemente ajudado pelo espírito familiar e a conhecida disciplina alemã, explica a nova geografia e o novo urbanismo da cidade, a partir da década de 50. Joinville aproveita o momento para expandir a sua vocação original, a da indústria, depois de ter vencido o ciclo da economia de subsistência, o ciclo do mate e sua transformação em importante pólo comercial nas décadas de 1930-1940. (TERNES, 1993, p. 158).

Sobretudo, pode-se explicar e tentar compreender a consolidação econômica de Joinville a partir da industrialização sob a ótica de diversos elementos teóricos da historiografia local. A classe operária também acompanha esse processo de consolidação. Junto com as indústrias e os ciclos migratórios que foram patrocinados por algumas empresas, muitos trabalhadores foram se firmando em Joinville e se fixando em diversas localidades, formando bairros operários como o Boa Vista, o Espinheiros, o Iriú e o Costa e Silva.

O comércio seguia o mesmo expansionismo industrial. Na década de 1980, houve um surto migratório oriundo do interior paranaense, provocando um novo êxodo urbano para Joinville – formando nos Espinheiros (área de preservação ambiental - manguezal) a Vila Paranaense. Questões como essas levaram o poder público municipal, no final da década de 1980, a fixar funcionários da Coordenadoria Regional da Secretaria de Desenvolvimento Social para realizar plantões na Rodoviária a fim de triarem os migrantes que, porventura, ainda estavam migrando para Joinville, seduzidos pelos resquícios das campanhas publicitárias de recrutamento de trabalhadores no Paraná (NIEHUS, 1997).

Diversos problemas foram surgindo com a migração de trabalhadores para Joinville. Os jornais noticiavam que havia problemas habitacionais e sociais, como o alcoolismo, a violência e vida pregressa. Inúmeros casos policiais envolvendo migrantes tornaram-se constantemente manchetes nos jornais locais (GRUNER, 2003).

A migração, dessa forma, era identificada como causadora de boa parte dos males sociais ocorridos na cidade. Ternes (1993, p. 133) acusa que entre “(...) as décadas de 1970 e 1980, Joinville sofreu uma singular perda de identidade, desfigurando-se de suas características históricas”. Essa perda de identidade, a qual o autor se refere, vem de encontro com algumas teorias que defendiam que o trabalho ordeiro era sinônimo de progresso e de disciplina o que diretamente era determinado pelas origens colonizadoras alemãs que se

estabeleceram na cidade. Havia um conflito ideológico entre os teutos-brasileiros e os chamados “caboclos”. Muitos defendiam a ideia de que os caboclos eram desidiosos, vadios e que não eram propensos para o trabalho. Costa (1996) afirma que os jornais noticiavam que as insurreições classistas como as greves eram certamente ocasionadas por migrantes e caboclos.

Essa perda de identidade referida por Ternes (1993) fez com que alguns industriais se preocupassem em manter a ideologia da cidade voltada para o trabalho. Nesse sentido, a materialização mais contundente possível do discurso oficial seria a da criação de um Museu da Indústria. Um museu onde o acervo narrasse a história da cidade por meio do discurso oficial do vencedor, do empreendedor, não por aqueles que por motivos diversos ou adversos vieram aportar nestas terras em busca do trabalho.

O processo de estabelecimento da indústria em Joinville é caracterizado por inúmeros antagonismos sociais, econômicos e culturais. A nova configuração do trabalho que se forjou em meados do século XIX, com a fundação da Colônia Dona Francisca, abriu caminhos para o que é hoje a cidade e sua história. Marcada por conflitos, aquiescências e insubordinações a industrialização se caracterizou pelo trabalho do imigrante e pelo migrante que desembarcou na cidade à procura de trabalho e melhores condições de vida. Questões como essas tornaram-se uma página esquecida nos discursos daqueles que promoveram discussões em torno do Museu da Indústria, como adverte Guarnieri (1980, p. 4)

Um museu industrial não é apenas um museu de máquinas: é um museu de máquinas feitas pelo Homem. Um museu industrial não é apenas um museu de produtos; é um museu de bens produzidos pelo Homem e para consumo do Homem. Um museu industrial não é apenas a epopéia das chaminés: é o mundo subterrâneo das casas de máquinas, é o registro dos movimentos sociais [...]. É um museu dinâmico pelas próprias tensões sociais que registra.

A invenção do Museu da Indústria

Os museus tornaram-se instituições de interesse estratégico para a manutenção e difusão da cultura nacional a partir do Estado Novo (1937-1945), quando da criação do Sphan – Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1937).

Ao analisar a fundação republicana do Estado Nacional no Brasil, no início do século XX, Chauí (2001) demonstra a necessidade da criação de alguns ícones que deveriam simbolizar, reproduzir ou ufanizar determinados aspectos sociais, econômicos e políticos na

sociedade. Esses símbolos e mitos são tratados pela autora como semióforos, ou seja, categorias ideológicas que materializam a ocupação do território, da língua, do domínio e do poder de determinadas classes sociais. Os semióforos são, sobretudo, invenções que garantem a hegemonia política de uma determinada classe sobre a outra e a manutenção da subserviência social.

SOUZA (2007) reitera que dentro dos espaços museais, seriam salvuardados nos acervos oficiais somente artefatos eleitos por meio dos interesses valorativos e corporativos de uma determinada elite, constituindo as coleções que representariam o patrimônio cultural nacional a partir de um setor social. Essa perspectiva museológica vai determinar a função e os discursos dos museus brasileiros durante vários períodos do século XX e, ainda permeiam as narrativas de muitas exposições museográficas. Dessa forma “[...] nos museus ditos tradicionais, o que se percebe é a transmissão de um passado acabado e perfeito, que se comunica com o presente através da ideia de tradição” (SOUZA 2007, p. 86), não como um processo histórico contraditório e imperfeito.

Em Joinville, a invenção de semióforos percebidos nos discursos criacionistas do Museu da Indústria, no que se refere ao patrimônio cultural e econômico, não difere do restante do contexto nacional do período. Em 1976, o jornal A Notícia divulgou uma comunicação do presidente da Fundação Municipal de Promoção da Indústria – PROMOVILLE - Norberto Schosslund, sobre a distribuição de uma circular destinada às indústrias e ao comércio local, divulgando a organização do museu. Essa mesma circular, solicitava a colaboração dos empresários na doação de equipamentos para fazer parte da criação de um acervo permanente, já que havia sido realizada uma exposição em janeiro do mesmo ano com objetos relacionados às indústrias de Joinville.

Guarnieri (1980) advoga que é necessário contextualizar a história da industrialização para estabelecer a comunicação museológica. Não há como se criar ou inventar um museu sem tratá-lo como um processo antagônico realizado por sujeitos históricos. Um museu-processo! Para isso, é necessário realizar uma investigação arqueológica industrial que remonte aos usos, aos costumes, aos equipamentos, às máquinas e aos respectivos ofícios e às múltiplas maneiras de realização deles: o início da industrialização, a indústria caseira, o “fundo de quintal” (embrião da empresa familiar), a contribuição do imigrante; o crescimento industrial com seus ciclos e fluxos; a indústria doméstica (subsistência e consumo); o comércio e o início das exportações; os industriais pioneiros e os primeiros operários, entre

outros. Todas essas questões são possibilidades de tematização da história da industrialização apontados pela autora.

O Museu da Indústria, em Joinville, ao ser inventado, ignorou todos esses percursos metodológicos de pesquisa da arqueológica industrial sugeridos por Guarnieri (1980). Não foram analisados os saberes, os ofícios, os trabalhadores, a geografia e a história da construção espacial da cidade e das fábricas, tampouco, o processo de transição das pequenas oficinas para as instituições fabris. O museu se resumia a uma busca pelo maquinário das grandes indústrias e, para isso, foi solicitada a participação dos industriais, reiterando que muitas empresas haviam doado objetos que contavam a história e a trajetória da indústria, sem terem havido análises correlatas e, muito menos, o vislumbramento do museu enquanto processo histórico.

João Spring, que concebeu o Museu da Indústria, absorvido pela Fundação Municipal de Promoção da Indústria – Promoville, por Osni Afonso Koentopp, acreditava que: “Esta reconstituição da história das primeiras indústrias joinvilenses é um fator importante para o avanço que se vem sentindo nas várias atividades culturais e econômicas. Trata-se, portanto, de um documento vivo dos primórdios da indústria em Joinville.”⁵

O discurso referido ratifica a ideia consoante de se manter a ideologia do trabalho e sua organização subordinativa, levando em consideração a história da industrialização a partir do olhar patronal. Nesse sentido, Souza (2008) partilhando da ideia de que havia uma orquestração em torno do capital honesto e do trabalho disciplinado, aponta a necessidade de se materializar simbolicamente, por meio de mitos e estratégias institucionais, garantias de aquiescência social e política dos trabalhadores e a cooptação das entidades classistas⁶. Nas discussões do Museu da Indústria e nos documentos que relacionam sua invenção, o assunto trabalhador não era mencionado, tampouco a relação contraditória do capital versus trabalho. A história da industrialização seria narrada somente a partir dos maquinários, numa versão unilateral dos detentores dos meios de produção.

5 JORNAL DE JOINVILLE. **Museu mostra início da industrialização em Joinville**. Joinville, 1 de abr. 1976. p.8.

⁶ Os sindicatos dos Metalúrgicos e Mecânicos de Joinville começavam a se organizar e realizar movimentos grevistas na cidade. Anos mais tarde, alguns sindicatos tornaram-se filiados a Central Única dos Trabalhadores – CUT.

O acervo inicial contou com colaborações de indústrias da região: Mold Motores, Centauro, Empresa Vogelsanger, Impressora Ipiranga, Companhia Wetzel Industrial, Casa Pieper, Weg de Jaraguá do Sul, Dohler, Nielson, Lepper, Celesc, Bozler, Buschle e Lepper, Casemiro Silveira, Martric, Consul, Usina Metalúrgica, Fundação Tupy, Ambalit, Companhia Hansen, Indústrias Colin e Móveis Cimo.⁷

A invenção de museus como celebrações ufanizadoras de determinadas elites, teve em Joinville uma continuidade celebrativa nas comemorações do aniversário da cidade, em 2001. Em 1998, criou-se a Comissão Organizadora dos Festejos do Sesquicentenário de Joinville por meio do Decreto nº 8.549 - presidida pelo empresário Udo Döhler. A comissão decidiu incluir nos festejos de aniversário do município a inauguração oficial da sede do Museu da Indústria, Museu da Bicicleta e sede do Instituto Joinville 150 anos, no espaço físico da Estação Ferroviária. Na inauguração oficial seriam também fundadas as seguintes *instituições*: Museu Ferroviário, da Mulher, da Imagem e do Som, da Criança e do Adolescente, da Cerveja e o Museu Tecnologia. Conforme, registro em ata: “(...) a memória da indústria joinvilense, a história do trabalho e do desenvolvimento da cidade, considerando relevante a participação da comunidade, a articulação com países de origem dos colonizadores e a realização de ações educativas multiplicadoras (...)”⁸. Para reafirmar essa carta de intenções, a reitora da Universidade da Região de Joinville, Marileia Gastaldi Lopes, oferece o campus universitário para a implantação do Museu da Indústria, Ciência e Tecnologia.

Foi discutida a atuação da Subcomissão⁹ de Restauração, Monumentos e Revitalização de Museus e, Helga Loyola, apresentou à Comissão um dossiê da Fundação Cultural de Joinville sobre a situação atual dos museus e monumentos da cidade, enfatizando a necessidade de reforma, manutenção e de aplicação de recursos públicos. De acordo com Loyola, a ideia dos novos museus seria uma forma de incentivar a comunidade a recolher e guardar o acervo já existente, podendo o acervo ser guardado em local provisório, talvez a própria Estação Ferroviária.¹⁰

⁷ JORNAL DE JOINVILLE. **Museu mostra início da indústria de Joinville**. p. 08. 1976.

⁸ COMISSÃO ORGANIZADORA DOS FESTEJOS DO SESQUICENTENÁRIO DE JOINVILLE. **Ata 06**. Joinville, 09 de dez. 1998.

⁹ COMISSÃO ORGANIZADORA DOS FESTEJOS DO SESQUICENTENÁRIO DE JOINVILLE. **Ata 04**. Joinville, 29 mar. 1999.

¹⁰ COMISSÃO ORGANIZADORA DOS FESTEJOS DO SESQUICENTENÁRIO DE JOINVILLE. **Ata 06**. Joinville, 06 de mai. 1999.

Dentro de uma conjuntura nacional específica, a invenção de um museu interessaria à manutenção do status quo, poder e domínio ideológico acerca do discurso fundador da cidade: construída por homens voltados para o trabalho ordeiro; de imigrantes e descendentes obstinados e vitoriosos; da industrialização e maquinaria; de operários disciplinados e aquiescentes.

Considerações finais

A história da industrialização em Joinville não difere do restante do país: alguns imigrantes e seus descendentes capitalizaram seus recursos oriundos da Europa e empenharam-se em empreendimentos industriários. Por outro lado, boa parte dos imigrantes, seus descendentes e, mais tarde, dos migrantes, possuíam unicamente seus braços enquanto capital e mercadoria vendável. As simbologias e as materializações institucionais, como a invenção do Museu da Indústria, constituíram-se em medidas que tinham como objetivo final retratar de forma celebrativa o discurso industrializador na cidade.

Em relação à industrialização, aos trabalhadores e suas múltiplas determinações no mundo do trabalho, há ainda um caminho a ser percorrido, que exige um maior levantamento e ampliação das fontes de pesquisa, na tentativa de evocar e elucidar a trajetória industrial como processo histórico. O presente artigo procurou problematizar, dentro de suas limitações temporais e teóricas, algumas das questões levantadas, permanecendo a necessidade de continuação da pesquisa científica sobre as configurações e reconfigurações daquilo que deveria ser o Museu da Indústria em Joinville e suas vicissitudes históricas.

Referências Bibliográficas

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS FESTEJOS DO SESQUICENTENÁRIO DE JOINVILLE. **Ata 04**. Joinville, 29 mar. 1999.

_____ **Ata 06**. Joinville, 06 de mai. 1999.

_____ **Ata 01**. Joinville, 31 jan. 2000.

CHAUI, Marilena. **Brasil – Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem: tensões sociais e controle** (Joinville, 1917 – 1943). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

FICKER, Carlos. História de Joinville – subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Ipiranga, 1965.

GRUNER, Clóvis. **Leituras matutinas**. Utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense (1951 – 1980). Curitiba: Aos Quatro Cantos, 2003.

GUARNIERE, Waldisa Russio Camargo. **Um museu de indústria em São Paulo**. São Paulo: Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia – Governo do Estado de São Paulo, 1980.

IMOHF, Afonso. **A mulher operária em Joinville**: situação, preconceito e discriminação. Revista de História. São Paulo, v LVI, n. 111, jun./set. 1977.

JORNAL DE JOINVILLE. **Museu mostra início da industrialização em Joinville**. Joinville, 1 de abr. 1976. p.8

NIEHUS, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário**: lembranças de migrantes. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville – SC**: da gênese às exportações. Florianópolis: [s.n.], 1997

SOUZA, Giane Maria de. **A cidade onde se trabalha** – A propagação ideológica do autoritarismo estadonovista em Joinville. Itajaí: Maria do Cais, 2008.

TERNES, Apolinário. **História de Joinville**, uma abordagem crítica. Joinville: Meyer, 1984.

_____. **Joinville**: a construção da cidade. São Bernardo do Campo: Bártira Gráfica e Editora, 1993.